

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

(HA-LAPID)
O F A C H O



DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PORTO

OS SEPHARDIM

Por R. N. CARVALHO.

Alguns dos muitos visitantes que acorreram à Sinagoga de Bevis Marks em 25 de Outubro de 1949, para a nomeação formal do Rabbi Solomon Gaon como Haham (Rabbi-mór) da Congregação Judaica Espano-Portuguesa e ouviram o sincero e chocante sermão que foi proferido pelo novo Haham podem ter ficado na dúvida quando à primeira vez em que existiu neste país uma comunidade separada de Judeus ibéricos com as suas casas e eclesiásticos e seu próprio e distinto tipo do rito, ortodoxo, a sua especial pronúncia do Hebraico e as suas próprias tradições.

A sua história é deveras interessante.

Os Judeus Ortodoxos no mundo moderno geralmente estão classificadas em duas principais divisões. Eles ou são Sephardim ou são Ashkenazim. Os Sephardim, cujo nome vem da palavra Hebraica para Espanha (Sepharad) segue o ritual e usa a pronuncia do hebreu corrente em Espanha e Portugal antes da expulsão dos judeus destes dois países. Em muitos casos eles descendem deles.

Os Ashkenazim (o seu nome deriva da mesma forma da palavra hebraica Ashkenaz ou Germânia), segue o rito e pronúncia dos povos Germanos, Polacos e Russos.

A grande maioria dos judeus em Inglaterra são de origem Ashkenaz, mas há comunidades de Sephardim em Londres e Manchester, seguindo a mesma liturgia ortodoxa Sephardi. Todavia a Reforma e para um grau mais pequeno, os movimentos judaicos liberais na Inglaterra que

foram largamente iniciados por judeus Sephardim ambos usaram a pronúncia Sephardi. A Reforma Litúrgica em particular é largamente remanescente do ortodoxo Sephardi.

O Rabbi de uma congregação Sephardi é sempre chamado Haham, uma palavra hebraica que significa «homem sábio». A cabeça Rabbinica de uma comunidade Sephardi é o Haham por excelência. O Haham da comunidade de Londres goza de uma superioridade sobre todas as comunidades Sephardim da Grã-Bertanha.

A mais velha Sinagoga

Històricamente as Sephardim de Londres são as mais antigas da comunidade Anglo-Judaica. A sua existência como congregação organizada data de 1657.

A sua Sinagoga de Bevis Marks completada em 1701 é a mais velha do país. É o único Edifício Judeu do Repovoamento que é indicado como um velho monumento e é considerado um exemplo perfeito de arquitectura eclesiástica da época.

Os ornamentos são contemporâneos. Sabe-se que um dos *pórticos* da mais nova sinagoga da Creechurch Lane é em granito; um dos muitos candelabros que iluminam o edifício foi um presente da velha comunidade Sephardi de Amesterdão. A Arca é trabalho italiano da época e contém uma colecção dos Rolos da Lei com seus pertences e cobre todos os períodos de 1657 a 1950, o que não tem rival em

preciosidade. O serviço especial em Outubro mostrou quão perfeita esta histórica sinagoga possui para os dignos e especificados *fiéis* entre os quais o rito Sephardi abunda. Talvez se diga que a liturgia na sua melhor classificação, exemplo dos simples coros e melodias da congregação bem como a sua tradicional HAZANUT a qual sempre fica suficientemente simples para conter a concepção judaica tradicional da «HAZAN» ou Shaliach Tzibbur (o emissário da congregação) que devem rezar com eles mais do que para eles.

Desenvolvimento da Sephardi inglesa

Os Sephardim tem um hábito de assimilação e absorção das sucessivas ondas de Sephardim emigrantes, que uma comunidade que foi fundada por marranos (Crypto-Judeus) procedentes de Espanha e Portugal e descendentes holandeses dos marranos, foi fundada e mantida destes elementos e mais tarde dos vindos de Itália, Gibraltar, Índias Ocidentais, do Norte de África, Balcãs, Levante, Egipto, Índias do Extremo Oriente, também com uma amalgama de Askenazim que casaram na congregação ou foram simplesmente atraídos para ela, um distinto tipo Sephardi inglês, imediatamente no país em conjunto com uma parte do inglês em geral e firmemente leais ao judaísmo).

A congregação mantém as suas próprias instituições. Ela tem os seus próprios MEDRASH ou colégios para o estudo da lei sagrada, fora da qual as suas escolas religiosas e classe tem singrado. Isto e a sociedade funerária ou HEBRÁ, data do século 17, mais tarde mas ainda cedo como Instituição Anglo-Judaica também o seu hospital, suas sociedades de moral e uma pequena congregação de caridade, muitas das quais são agora administradas pelos seus próprios mesários guardiões. Estas têm servido como prototipo para os esforços de maiores comunidades nas quais as pequenas comunidades tem muitas vezes uma parte proeminente.

Talvez o maior exemplo de cooperação em rigor entre as comunidades fora da caridade propriamente dita seja a Câmara dos Deputados. Aqui, desde 1760 os Se-

phardim concordaram em cooperar com os Askenazim em enviar telegramas de congratulação ao Rei Jorge III na sua ascensão.

Por este simples princípio se desenvolveu a actual câmara de deputados com os seus múltiplos afazeres e actividades. Presentemente Bevis Marks é propriamente obrigada a restringir o eleger de deputados como ainda lhes chamam, mas com intenção declarando modificar logo que as actuais matérias para isso sejam removidas. No entanto a congregação pode olhar com cuidado sobre o número e qualidade dos Presidentes dados à Câmara, que inclui o grande Sir Moses Montefiore e Sir N. J. Laski K. C., membro do conselho de Cristãos e Judeus.

Insistência do ortodoxismo

No lar religioso o Sephardi tem sempre estado e permanece hoje agarrado à religião ortodoxa Judaica. Inabilidade para se firmar aqui criaram dificuldades em tempos e alguns atribuem o cisma de 1840 e a fundação da Sinagoga do West London a abstinência e à obstinância e obscurantismo de Bevis Marks.

A melhor resposta da congregação a isto é firmar-se na posição religiosa atingida pelos descendentes dos Reformadores que pediram umas leves concessões 1840. Toda a comunidade Anglo-Judaica teria perdido espiritualmente se a Bevis Marks tomasse a Reforma da Sinagoga; ambos os últimos dois Hahamim Arton e Gaster perderam num ponto para o bem da Anglo-Judaria; e os Sephardim, que cedo reassumiram amigáveis relações com aqueles que os deixaram para fundar a Reforma da Congregação em Berkeley Street e nunca mais voltaram desenvolvendo e atraindo a a si mais um século a sua distinta religião e atitude cultural.

Interpretação moderna

Provavelmente devido a felizes acidentes da história que os perservam na maneira mais unidos com os seus quatro vizinhos do que eram a maioria, dos Ashkenazim os Rabbis Sephardim e leaders religiosos não foram mais meros legalistas. Joseph Caro com o seu Shulhan Aruch tem a sua parte no caminho da vida do Se-

TICH' A BE-AB

(9 de Ab)

Por DR. ADOLFO BENARUS.

Tich'a be-Ab, ou seja 9 do mês de Ab, é um dia de jejum e de luto, que comemora a destruição de Jerusalém e do seu Templo e, com estes acontecimentos, a perda da nacionalidade.

Dia de tristeza nacional: as sinagogas cobrem-se de negro e o povo judeu chora a perda irreparável da sua antiga pátria.

Há quatro dias do ano em que os israelitas jejuam, para comemorarem acontecimentos, que se prendem com a queda de Jerusalém e são eles os aniversários do começo do cerco desta cidade, a 10 do mês de Tebet; da primeira brecha feita nas muralhas, a 17 do mês de Tamuz; da destruição do Templo, a 9 de Ab e do assassinato de Guedalia, a 3 do mês de Tishri.

Estes jejuns começam ao despontar do dia, mas o jejum de 9 de Ab começa de véspera e dura 24 horas, e, por toda a parte do mundo, nas sinagogas, prostrados pelo chão cobertos os ombros com as cinzas da tristeza, em voz baixa, como um lamento, os israelitas recitam as orações do dia e

lêm as tristes lamentações do profeta Jeremias.

*
* *
*

Flavius Josephus, que viveu no primeiro século da era vulgar, foi um judeu eminente, general das tropas judaicas e escritor erudito; presenciou ele toda a guerra travada entre a resistência temerária do patriotismo judeu e a força invencível das legiões romanas e deixou a respeito dessa guerra uma notícia que serve de fonte mais importante para o conhecimento do que se passou no cerco de Jerusalém, cerco que ficou célebre na História.

Esta página da história de Israel é profundamente emocionante:

Estes governadores romanos, haviam sucedido uns após outros, rapidamente, e todos eles eram igualmente cruéis contra um povo, que não queria reconhecer e sacrificar às divindades dos imperadores. Povo, que preferia perder riquezas, casas,

phardi mas Maimonides que reconciliou as reclamações de judeus e o secular conhecimento de Moisés e Aristóteles, nunca falhou; e a presença em Inglaterra da cadeia dos grandes Hahamim seguindo esta escola tem tido uma influência no total na comunidade Anglo-Judaica. A *comunidade Sephardi* está confidentemente esperançada que em Haham Gaon (um jovem que vai como Rabbi-mor mas que novamente é parte da tradição Anglo-Sephardi foi achado um guia que trará nova distinção para esta repartição dando-lhe à comunidade a interpretação do meio-século 20 do Judaísmo Ortodoxo para o qual assim é óbvio olhar.

Numa comunidade bem conduzida no passado tende sempre a utilizar tanto quanto possível as suas tradicionais qualidades de trabalho como é consistente com as suas actuais necessidades. Assim pois não é de surpreender que os Sephardim já estejam

planeando celebrar o 250.º aniversário da abertura do Bevis Marks que passa no próximo ano, e que esperam dar a publicação de uma nova e completamente revista edição do seu livro de orações diárias, dum proeminente parte nas celebrações além de um serviço especial e uma exibição de congregações e tesouros íntimos. Nem é de surpreender que eles estejam ainda pensando no 300.º aniversário do reagrupamento dos judeus na Grã-Bretanha que calha em 1957, uma boa oportunidade para exibirem a sua amada Sinagoga e o seu cerimonial estadual numa ocasião quando o prazer e satisfação no valor do seu país natal da grande comunidade integrada no Anglo-Judaísmo que pode legitimamente ser festejada.

Transcrito do Boletim da «Spanish & Portuguese Jews' Congregation de Londres» — traduzido para português por A. F. R.

terras e até a própria vida, a prestar culto a ídolos, ainda que estes fossem os do próprio imperador da poderosa Roma. Para os funcionários romanos, esse povo tinha o aspecto de uma gente obstinada, quase demente, a quem era preciso dominar, pela palavra ou pela espada, e empregaram esta última.

Durante anos de terror, matou-se desapidadamente.

Aos rebanhos, os judeus foram queimados e crucificados.

Num só dia Tito mandou crucificar 500 prisioneiros e, para espalhar o terror, reenviou outros para a cidade de Jerusalém com as mãos decepadas.

Durante quatro anos terríveis, o pequeno povo judeu, num canto obscuro do império romano, resistia ao poder das mais famosas legiões romanas e à habilidade dos conquistadores do mundo.

No ano de 66 a inquietação tinha chegado ao auge. Mas a grande insurreição, que havia de arrastar consigo a destruição completa do estado judaico, não era fomentada, apenas, pelos judeus da Judeia; na fomentação da revolta, tem lugar predominante a Galileia, onde ainda escoavam as vozes dos antigos profetas, e cuja população mantinha um patriotismo ardente que se opunha, com firmeza, contra as infiltrações do exterior.

Da Galileia partiu, pois, o grito de alarme, que foi atear o incêndio em todas as colónias dos judeus, estabelecidas fora da Palestina.

Os países longínquos, de um judaísmo primitivo, ofereceram-se para combater e do milhão e cem mil judeus, que caíram mortos, na defesa de Jerusalém, a maior parte não era nativa da Judeia, mas tinha vindo ali para celebrar a páscoa de Pessah.

Da Síria tinham descido as legiões romanas, para sufocar os rebeldes, mas, estes batiam-se como leões ferozes, indomáveis.

Batiam-se com desespero e heroísmo, na defesa da pátria e da religião, contra o tirano estrangeiro e insolente.

De ambos os lados a guerra era implacável. O imperador Nero compreendeu a extensão da revolta, e que dominá-la não seria fácil; enviou, pois, para o teatro da guerra, dois dos seus mais hábeis generais; Vespasiano e Tito, filho deste.

Mas pouco depois Vespasiano era cha-

mado a Roma, para ser coroado imperador e Tito reuniu o seu poderoso exército e acampou no Monte Scopus, a norte da cidade, onde, como uma promessa acariciadora de tempos mais felizes, se levanta hoje a Universidade Hebraica, e intimou imediatamente os habitantes a que se rendessem. Apenas exigia submissão, respeito pelas leis romanas e pagamento dos impostos.

Ancioso por regressar a Roma, onde o esperavam agora todos os prazeres e delícias a que a sua alta situação de filho de imperador lhe dava direito, estava disposto a usar de clemência para com os judeus; estes, porém, furtavam-se obstinamente a quaisquer negociações; tinham jurado defender a cidade santa, com a própria vida, e não queriam a rendição.

O cerco começou e logo todos os jardins deleitosos e bosques espessos, por onde se espalhavam as sombras tranquilas, de que nos fala a Bíblia, foram destruídos sem piedade, ao norte e a poente da cidade.

Quem pudesse segurar nas mãos uma arma correu a entregar-se imediatamente para a defesa; o heroísmo das mulheres, que atiravam contra os sitiantes montões de pedregulhos e azeite a ferver e que convertiam os projecteis, arremessados pelos romanos, em instrumentos de morte, contra estes próprios, porque de novo lhes arremessavam, era um exemplo estimulante, que levava os homens a praticarem actos de uma tal temeridade, que dir-se-ia que atingiam a loucura.

Perto da muralha norte, tinham-se levantado montes de terra, sobre os quais assentavam os arietes. A uma distância de dez quilómetros, em redor da cidade haviam-se cortado todos os troncos de árvores, para a construção dos arietes. Dia e noite, incessantemente, ouvia-se o estrondo daqueles instrumentos de guerra batendo contra as muralhas.

Os judeus furavam minas; minavam debaixo dos montes de terra e os arietes iam-se abaixo.

Quinze dias, durou o trabalho dos arietes, que os romanos levantavam de novo e, por fim, abriu-se a primeira brecha, na muralha exterior: 17 de Tamuz.

Nove dias mais, e caía a segunda muralha e, finalmente, os romanos apodera-

ram-se da parte baixa da cidade, mas os judeus não se rendiam.

Amontoavam-se na parte alta, esfaimados e moribundos.

Por um pedaço de carne ou de pão, matavam-se reciprocamente.

Os que, de noite, se aventuravam, para fora dos muros eram apanhados, pelos romanos, que os crucificavam, mas quanto mais os judeus sentiam a opressão da guerra, tanto mais endureciam na teimosia da resistência.

O cerco de Jerusalém, ficou famoso na História, pela ferocidade desenvolvida no ataque e na defesa.

Se os arietes ruíam, caindo estrondosamente no chão, logo os sitiados faziam uma sortida e, como loucos temerários, atiravam-se ao inimigo, com loucura feroz.

As grandes legiões cançavam-se e hesitavam e Tito recuou.

Mas, para os sitiados maior foi a tormenta.

Tito construiu uma grande muralha de uns oito quilómetros de extensão, em torno da cidade — sentou-se e esperou.

O sofrimento dos judeus parecia ter ultrapassado todo o limite; o próprio Tito, afeito às durezas da guerra, se compadecia de gente tão sofredora na dor, e mandou pedir aos *zeladores*, que constituíam uma seita que considerava toda a obediência às leis romanas perjúrio às leis divinas, porque só a Deus competia mandar e ser obedecido, que se rendessem.

Isso nunca!... Passou-se mais um mês; mais dois e os romanos voltaram à carga.

De novo caiu a muralha primeira, mas os judeus, durante as tréguas, tinham construído uma segunda.

Esta também caiu, e os heróis continuavam indomáveis e abrigavam-se, agora na fortaleza interior. As ruas estreitas banhavam-se de sangue; ao sol ardente, decompunham-se os cadáveres insepultos e continuavam as lutas na cidade, por uma migalha de pão, com que matar a fome.

Martha, mulher do Sumo Sacerdote Joshua ben Gamalá, para quem se estendiam outrora, os luxuosos tapetes — no seu caminho de casa ao Templo, para que não se manchasse a pureza das suas sandálias, vagueava, agora, esfomeada, pelas vielas, em busca de uma magra côdea. Não se faziam, já, os sacrifícios, nos altares, porque as rezes tinham desaparecido.

E, no entanto, para iludir o inimigo, e fazê-lo supor que dentro da cidade não se sofria de sede, as mulheres encharcavam as roupas brancas e punham-nas a enxugar, ao sol, sobre os terraços.

A rendição continuava impossível, Tito, de novo, quiz propôr as condições dessa rendição, mas os zeladores recusavam-se a parlamentar. Bem sabiam eles que as condições consistiam na entrega da cidade e a cidade não era deles — era de Deus — como entregá-la, pois?!... Alguns soldados romanos, em êxtase por tanta fé religiosa, desertavam das legiões, para se entregarem à sorte dos sitiados.

Fez-se a escalada das muralhas e os zeladores fugiram, para os pátios do Templo.

Ao fim de seis dias de violento trabalho dos arietes, deu-se o inevitável.

Tito deu ordem para que fosse poupado o santuário, mas a soldadesca, desesperada e furiosa, nada respeitou: pela *Janela de Ouro*, foram arremessados fachos ardentes, e, imediatamente, as traves do pavimento e do tecto, se incendiaram e pelos pátios, onde alguns milhares de homens se haviam refugiado, essa mesma soldadesca irrompeu, esfaqueou e matou, na sua sede de ódio e vingança.

Houve um momento de suspensão, mas, logo, os zeladores correram, para a cidade alta e, de novo, começou a louca resistência. O terreno era cedido às polegadas e ali, ainda, durante mais um mês, desafiaram o inimigo, até que definitivamente, sossobraram. Os que tinham escapado à morte, rendiam-se pela fome e pela fadiga, mas os romanos não lhes deram tréguas; invadiram o recinto e de novo assassinaram até que, também, a fadiga os impediu de matar mais.

Por toda a parte — corredores, pátios, aposentos — tudo estava repleto de mortos e moribundos e o sangue corria a jorros. Depois, lançou-se fogo, ao que ainda havia de pé — casas, edifícios, muralhas e os conquistadores afastaram-se, para contemplar as chamas.

E assim ruiu a velha Jerusalém.

Tinha soado a hora fatal em que havia de cumprir o seu destino... som fúnebre que se repercutiu por muitos séculos vindouros e que ainda hoje ecoa por entre os filhos de Israel.

Era o dia 9 de Ab do ano 70 da era

vulgar e, por uma estranha coincidência, essa também a data do aniversário da queda do primeiro Templo.

Diz-se, como já indicamos, que no cerco de Jerusalém, pereceram mais de um milhão de judeus e, também como já dissemos, estes eram, em grande parte, peregrinos, que tinham vindo celebrar a páscoa (Pessah), comemorativa do êxodo do Egipto. Dos sobreviventes, noventa e sete mil foram feitos escravos dos quais, uns foram deportados para as minas do Egipto e os restantes foram entregues aos animais ferozes, nas arenas romanas, segundo o costume romano.

Tito assenhoreou-se da parte mais nobre e distinta dos zeladores, para figurarem, no seu regresso, na marcha triunfal, através das largas ruas de Roma e, nesta cidade, foi mandado levantar um arco triunfal, ainda hoje conhecido pelo Arco de Tito, no Coliseu Romano; muito visitado pelos visitantes da Roma moderna, em que figuram, como escravos, mancebos judeus acarretando às costas utensílios do Templo.

O arco ainda existe, em parte arruinado; um troço das velhas muralhas de Jerusalém. — Kotel Má'arabi — outrora embebidas em sangue, também ainda existem e ainda hoje, os descendentes dos antigos judeus vêm ali chorar a pátria perdida e implorar o Todo Poderoso, pela sua restituição.

São os únicos testemunhos do antigo heroísmo que excedeu todos os heroísmos, que a História regista.

É esta a descrição que Flavius Josephus nos legou.

Supõe-se que todos os judeus que habitavam então a Palestina pereceram nesta guerra tremenda e mais uma vez Sião chorou sobre as suas ruínas. Chorou pelos seus filhos mortos no campo de batalha; pelas suas filhas vendidas como escravas ou entregues à sofreguidão da soldadesca; mas, agora, Sião estava ainda mais desolada do que nos dias do seu primeiro cativo porque se calara a voz do profeta que outrora lhe anunciara o cabo da sua viuvez e do seu luto... e chora Sião, ainda hoje, pelo regresso da antiga pátria.

Lisboa, 1924.

RECORDAR É REVIVER

Los judíos portugueses

El acto político más desastroso de la historia portuguesa fué la expulsión de los judíos. Más que injusto y violento para los judíos, ese hecho fué criminal para Portugal. El país perdió con esa expulsión una clase numerosa, trabajadora y de gran valor científico. El hecho se reviste de un aspecto antipático de ingratitud, pues los matemáticos y astrónomos judíos habían sido los mejores auxiliares de nuestras navegaciones. Spinoza podría ser hoy una gloria de Portugal, en vez de serlo de Holanda, pues era hijo de judíos portugueses. La prosperidad comercial de Holanda se debe en gran parte a los judíos expulsados de Portugal. Pero los españoles, que practicaron el mismo error, saben cuánto perdieron, y reconocen así perfectamente cuánto perjudicó a Portugal esa expulsión. No tenemos la intención de hacer aquí historia del pasado. Queremos referirnos sencillamente a un hecho de hoy que será mañana una cuestión importante. Por ahora ese hecho es tan sólo un hecho curioso; pero cuando la República se decida a estudiar el asunto se levantarán protestas de los católicos, suscitando una cierta agitación. En realidad, viven en el norte del país, en Traz-os-Montes y en la Beira Alta, algunas centenas y quizá millares de antiguos judíos. Convertidos por la fuerza al catolicismo, esos «cristianos nuevos» o «maranos» siguieron practicando secretamente, y por cierto de una manera desfigurada, el culto judaico. La ley de la separación de la Iglesia del Estado les dió la libertad religiosa. Pero algunos espíritus liberales, sin que sean judíos, piensan que esa libertad no basta, siendo justo que el Gobierno republicano proteja a los reconvertidos contra el predominio católico.

A pesar de la fuerza de que la Iglesia dispone y ha dispuesto siempre aun dentro de la República, se ha dado en estos últimos años un verdadero renacimiento judaico.

Un oficial del Ejército, el capitán Barros Basto, ignoraba, pero lo descubrió un día,

que era judío. Estudió la lengua hebrea, se convirtió al judaísmo y se hizo el apóstol del regreso de los «cristianos nuevos» a a religión de sus antepasados. Fundó una sinagoga en Oporto, ciudad donde vive y donde dirige una revista israelita. No contento con la propaganda literaria entre las personas cultas, llevó su acción a las tierras de provincia, predicando en Braganza, Belmonte y Covilhã a la gente del pueblo.

Este movimiento, que Lisboa y el resto del país ignoraban, era conocido ya en el Extranjero. Por eso una ilustre escritora francesa de sangre judía, madame Lily Jean-Javal, vino hace poco tiempo a visitar nuestro país. Esta escritora va a publicar un libro sobre los judíos portugueses, contando las impresiones que recogió en su visita. Lo que ella diga será una verdadera revelación para los portugueses. Se ignora efectivamente en Portugal la cantidad de sangre judía que a pesar de la expulsión y de las hogueras del Santo Oficio quedó corriendo en nuestras venas. Dice un ilustre catedrático, que es al mismo tiempo uno de los espíritus superiores de nuestra tierra, que el 40 por 100 de los portugueses tiene sangre judía.

A pesar de esto, no ha habido en Portugal ninguna reacción antisemita. El odio contra los judíos, que todavía do hace muchos años dilaceró a Francia en una verdadera guerra civil alrededor de Dreyfus, ese odio es un sentimiento inédito en Portugal. Inédito no es precisamente el término que debe usarse, porque los integralistas pretendieron crearlo, aunque sin resultado. A pesar de eso hubo quien intentó demostrar que los republicanos portugueses eran todos judíos, y que los monárquicos eran, en general, cristianos viejos de raza visigótica, y que, por tanto, la República representaba el triunfo de los judíos. El autor de esa idea absurda e irrisoria escribió un libro, «La invasión de los judíos», ilustrado con los retratos de los políticos republicanos, en cuyas fisonomías el quería ver trazos semitas.

Pero como el autor de esa idea y de ese libro es un filósofo futurista, los integralistas, que son conservadores en arte, no quisieron servirse de ese pretexto. El libro no tuvo por eso repercusión política, por no haberlo tomado en serio los propios nacionalistas. Y los judíos pudieron

Conversemos um pouco...

...sobre Israel

Em todas as raças e em todos os tempos sempre que há união há vitória, por mais tempo que esta leve a ser obtida. Ao estudarmos a raça Judia deparemos com esta certeza essencial: a união. Graças a ela os judeus venceram os maiores obstáculos que qualquer povo teve de enfrentar na história humana. Hoje têm uma Pátria. Ela foi sempre eterna no seu sonho, na sua saudade. Agora será eterna, também, na sua realidade actual, porque está alicerçada em oceanos de sangue, de sofrimento e de heroicidade. Na sua união, na sua solidariedade, residiu sempre essa maravilhosa capacidade de sofrimento que lhes deu resignação para esperar.

Nenhum massacre foi capaz para abater a sua esperança e a sua fé. Israel é hoje uma Pátria livre, independente. Dia a dia, de todos os pontos cardeais do mundo, para lá se dirigem os homens que, outrora dispersos e perseguidos, para lá vão trabalhar transformando aquele solo, arenoso e inútil, em searas e vinhas que não-de matar a fome e a sede a milhões de seres humanos. Bem hajam a sua união e a sua fé. Com elas Israel dentro de alguns anos será uma grande e justamente orgulhosa Pátria.

Da «Flor do Tâmega» — Amarante, 24-6-949.

5711

O novo ano de 5711 da Era hebraica começa ao pôr do sol do dia 11 de Setembro de 1950 da Era vulgar.

- Rosh Hashanah — 12 e 13 de Setembro.
- Kipur (Dia do Grande Perdão) — 21 de Setembro (o jejum principia ao pôr do sol do dia 20).
- Sukoth (Festa das Cabanas ou das colheitas) — 26 de Setembro.
- Hanukah (Festa dos Macabeus) — 4 de Dezembro.

seguir vivendo tranquilamente, sin receio de que se establezca de nuevo la Inquisición.

OSÓRIO DE OLIVEIRA

Do *El Sol* de Madrid, 30 de Maio de 1930.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 146)

Existia esta Bíblia em Espanha no Reino de Leão e não em Leão de França, como escreveu Wontio na *Tradução Latina da Chronologia* de Ganz. Deste Ms. fala Walton nos *Proleg.* 4, 8. Capellano no *More Rab infid.* pág. 263, 108. Morino de *Text.* pág. 466. Kennicott na *Dissert. Geral* 56 pág. 108 e c. Leufden *Pref. ad Bib. Heb.* e Basnage na *História dos Judeus* Liv. IX e XII.

Sobre o Autor e antiguidade deste Código variam os Críticos; Leikarde quer que fosse Hillel Rabbino, florecera no tempo, em que os Judeus voltaram do cativoiro de Babilónia; Cuneo de *Repub. Hebr. Lib. I* c. XVIII pág. 116 o atribue a outro Hillel, que de Babilónia havia vindo à Síria 60 anos antes de Cristo; Morino assentou que aquela Bíblia só tinha quinhentos anos de antiguidade.

Abraão Zacuto Rabbi da Sinagoga de Lisboa, e escritor do Século XV no Livro *Jucharim*, ou das *Linhagens*, obra clássica entre Judeus, deu a esta Bíblia em seu tempo 900 anos de antiguidade, e R. Manuel Aboab na sua *Nomologia Part. II* c. XIX pág. 2118 e seg. escrevendo em 1625 diz que pela conta de Zacuto havia mais de mil anos, que fora escrita aquela Bíblia.

O que é sem dúvida, é que em 1200 já Rambon fez menção deste Código *Helliano*; e Morino descreve um Ms. Hebraico de 1208 onde já vinha citado em nota marginal o dito Código. Pelo que pelo menos sobe acima do Século XIII.

Esta Bíblia já não existe em Espanha, porque havendo em 1496 uma grande perseguição contra os Judeus de Leão, muitos deles se refugiaram em Toledo, como dizem Zacuto no Livro *Juchasim*, Kennicott

e Manuel Aboab na sua *Nomologia*; da qual contudo se não sabe, onde existe hoje; outros se passaram à África e levaram consigo os demais Livros, como refere o mesmo Zacuto; Manuel Aboab atesta, que vira em África parte deste Código, que se havia vendido. Deste Código pois se haviam tirado infinitas cópias, como diz Ganz, que se espalharam por toda a Espanha e serviram de regra aos muitos exemplares, que se escreveram nos últimos tempos. 2.º—de seguirem pelo comum constantemente as Leis da Masora, cuja fonte principal fora o mesmo Código Helliano; no que por certo eram eminentes os nossos Judens Portuguezes e Espanhóis, regulando tanto pelas Leis da Masora o texto de seus Códigos, que poucas vezes discrepavam dela. Assim que por serem pelo comum Masorethicos os tem os Judeus em grande conta, como os mais exactos e excelentes de quantos há, preferindo-os aos Códigos Itálicos e aos Germanicos (Rossi ao Vol. I *Var. lect, Vit. Test.* p. XIX n. XX p. XXXVII).

Grande beleza e elegância destes Códigos.—A esta grande correção se ajuntava uma extremada perfeição e beleza. (Assim o dizem constantemente os Escriitores Rabbínicos); os Códigos dos Judeus Portuguezes, como os dos Espanhóis, eram escritos pelo comum com caracteres não rudes, tortuosos, inflexos e agudos, como eram os Alemães; mas sim quadrados simples e elegantes na sua forma, semelhantes aos que se vêem hoje nas Bíblias Régias publicadas em Antuérpia por Platino e Roberto Estevão, cujos caracteres foram sem dúvida tirados dos Códigos de Espanha.

(Continua).